



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**UMA COMPLEMENTAÇÃO ÀS ANÁLISES SOBRE O CANCELAMENTO DO
RÓTICO EM CODA EXTERNA NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E NO
PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE**

Helen Lorena Rodrigues Elias Cordeiro

Rio de Janeiro
2020

HELEN LORENA RODRIGUES ELIAS CORDEIRO

**UMA COMPLEMENTAÇÃO ÀS ANÁLISES SOBRE O CANCELAMENTO DO
RÓTICO EM CODA EXTERNA NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E NO
PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação Português/
Espanhol.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvia
Figueiredo Brandão

Rio de Janeiro

2020

Cordeiro, Helen Lorena Rodrigues Elias.

Uma complementação às análises sobre o cancelamento do rótico em coda externa no Português de São Tomé e no Português de Moçambique. Helen Lorena Rodrigues Elias Cordeiro. – 2020.

54f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvia Figueiredo Brandão.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f.53-54

1. Róticos. 2. Português de São Tomé. 3. Português de Moçambique. 4. Cancelamento. I Cordeiro/ Helen Lorena Rodrigues Elias II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2020. III. Título.

Dedico este trabalho, com todo o amor aos meus pais, H\u00e9lio Oliveira Elias (*in memoriam*) e Maria do Ros\u00e1rio Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar a força necessária para conquistar o que quiser e por sempre colocar pessoas que somam em minha vida. Agradeço também pela minha família e meu marido. Obrigada Senhor, por mais esta conquista tão almejada por mim e pelos que me amam.

De um modo muito especial, eu quero agradecer a minha mãe. Eu precisaria de muitas linhas para descrever a sua importância em minha vida, mas, no dia a dia, me esforço para demonstrar o tamanho do meu amor pela senhora. Obrigada por sempre acreditar em mim, pelo seu apoio incondicional, pelo seu existir, por nunca ter me abandonado. Mãe, o seu amor me aquece e me dá forças para conquistar até o impossível só para vê-la feliz com minha vitória. Todos os dias em que ia à UFRJ e até este exato momento, eu sempre pensava em lhe dar a alegria de me ver formada. Esse desejo é que me move para seguir em busca das nossas conquistas. Mãe, amo-a infinitamente!

Agradeço ao meu amor, Eduardo Cordeiro, por todos os dias me oferecer o seu melhor. A minha trajetória acadêmica, sem dúvida alguma, foi mais leve e prazerosa porque você me apoiou incondicionalmente, inclusive nos momentos de provas, trabalhos, leituras, pesquisas, que eu praticamente não te enxergava em casa e ainda assim você ria de minhas distrações em relação a ti. Não canso e não cansarei de dizer que você é a melhor coisa que aconteceu em minha vida. Te amo!

Quero agradecer carinhosamente a minha professora-orientadora, Silvia Figueiredo Brandão. Muito obrigada pelo convite para participar do seu grupo, por me oferecer a bolsa de pesquisa, por contribuir com nossas conquistas na JIC, em que tivemos três menções honrosas, por ser sempre tão solícita e simpática, mesmo quando precisava dar bronca. Agradeço também por sua paciência, sobretudo nos momentos em que minha insegurança queria atrapalhar o desempenho dos trabalhos. Desejo muitas bênçãos em sua vida. Mais uma vez, obrigada por todo o apoio.

Agradeço aos meus irmãos, pelo amor e carinho a mim ofertados. Por sempre se fazerem presentes em minha vida mesmo ao longo dos cinco anos que passei na cidade do Rio de Janeiro.

Agradeço à professora Danielle Kely Gomes, não só por ter aceitado o convite para ser a leitora da minha monografia, mas também por estar sempre disposta a ajudar, a tirar dúvidas, mesmo fora de sala de aula. Obrigada por ser tão atenciosa e uma profissional de primeira qualidade.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica, tanto do curso de Português quanto do curso de Espanhol.

Agradeço às amigas construídas com Larissa Monteiro e com Letycia Mallet, por suas contribuições, companheirismo e risadas ao longo da jornada, ainda que algumas vezes distantes.

Por fim, ao CNPq, por ter financiado a minha pesquisa ao longo dos anos de iniciação científica.

RESUMO

CORDEIRO, Helen Lorena Rodrigues Elias. *Uma complementação às análises sobre o cancelamento do rótico em coda externa no Português de São Tomé e no Português de Moçambique*. Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 2020.

A pesquisa foca o cancelamento do R no contexto pós-vocálico final no Português de São Tomé (PST) e no Português de Moçambique (PM), com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança. O objetivo é analisar o fenômeno do cancelamento do rótico em verbos e não verbos expressos por falantes de Português L1 e L2, cancelamento do rótico nos verbos do que nos não verbos, tendo o PST apresentado maiores índices de cancelamento se comparado ao PM, confirmando-se a hipótese inicialmente levantada de que naquela variedade o processo a fim de observar os principais fatores estruturais que condicionam a aplicação da regra de apagamento do R. Para tanto, parte-se da hipótese de que o processo está mais avançado no PST do que no PM, ainda que, em ambas as variedades, atuem fatores estruturais que obedecem a princípios comuns. Os resultados gerais mostraram que há uma maior tendência de está mais adiantado.

Palavras-chave: Róticos; Português de São Tomé; Português de Moçambique; Cancelamento; Sociolinguística.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Apagamento do R em homens nas três faixas etárias (1:25-35; 2: 36-55; 3: 56-).....	17
Figura 2 - Apagamento do R em mulheres nas três faixas etárias (1:25-35; 2: 36-55; 3: 56-)	17
Figura 3 - Mapas com as localizações da Cidade de Maputo e de São Tomé.....	33
Figura 4 - Cancelamento de R em coda externa no PM-L1 e no PM-L2.....	43

QUADROS

Quadro 1 - Variantes de R em coda silábica externa na fala urbana culta do Rio de Janeiro.....	14
Quadro 2 - Distribuição dos dados referentes a (R) por variedade nacional, nível de instrução e faixa etária.....	19
Quadro 3 - Distribuição dos informantes de Moçambique pelas células sociais.....	35
Quadro 4 - Distribuição dos informantes de São Tomé por célula social.....	36
Quadro 5 - Variáveis estruturais utilizadas no contexto pós-vocálico final.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Apagamento do R segundo a classe morfológica.....	16
Tabela 2 - Distribuição das variantes de (R) em coda externa no PE e no PB.....	19
Tabela 3 - Variáveis condicionadoras do cancelamento de (R) no PE e no PB.	21
Tabela 4 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa no PM.	27
Tabela 5 - Distribuição das ocorrências de cancelamento de R em coda externa no PST.	39
Tabela 6 - PST: Cancelamento de R em coda externa em 41 formas verbais finitas.	40
Tabela 7 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa em verbos no infinitivo no PST.....	41
Tabela 8 - Índices referentes à natureza dos não verbos no PST.	41
Tabela 9 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa em não verbos no PST.....	41
Tabela 10 - Distribuição das 558 ocorrências de cancelamento de R em coda externa pelos 18 informantes da amostra do PM.....	42
Tabela 11 - Índices relativos ao R em coda silábica externa no PM-L1 (verbos e não verbos).....	44
Tabela 12 - Índices relativos ao R em coda silábica externa no PM-L1 (verbos).....	44
Tabela 13 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa em verbos no PM-L1.....	45
Tabela 14 - Índices referentes ao modo de articulação da consoante subsequente no cancelamento de R em coda externa.	45
Tabela 15 - Índices referentes ao ponto de articulação da consoante subsequente no cancelamento de R em coda externa no PM-L1.	45
Tabela 16 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa em não verbos no PM-L1.....	46
Tabela 17 - Índices relativos ao R em coda silábica externa no PM-L2 (verbos e não verbos).....	47
Tabela 18 - Índices relativos ao R em coda silábica externa no PM-L2 (verbos).....	47
Tabela 19 - Variável atuante para o cancelamento de R em coda externa em verbos no PM-L2.....	47
Tabela 20 - Variável atuante para o cancelamento de R em coda externa em nomes no PM-L2.	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Português de São Tomé (PST)

Português de Moçambique (PM)

Português do Brasil (PB)

Português Europeu (PE)

Língua Materna (L1)

Segunda Língua (L2)

Português de Moçambique como Língua Materna (PM-L1)

Português de Moçambique como Segunda Língua (PM-L2)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ALGUNS ESTUDOS SOBRE OS RÓTICOS EM CODA EXTERNA EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS	13
1.1 NO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	13
1.2 NO PORTUGUÊS EUROPEU	18
1.3 NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE.....	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
3 METODOLOGIA	33
3.1 ÁREAS DE PESQUISA.....	33
3.2 OS CORPORA	34
3.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS.....	36
4 ANÁLISE DOS DADOS	39
4.1 PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ.....	39
4.1.1 Verbos: condicionamentos estruturais.....	39
4.1.2 Não verbos: condicionamentos estruturais	41
4.2 PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE	42
4.2.2 No PM-L1	44
4.2.2 No PM-L2	47
4.2 SÍNTESE DOS RESULTADOS	48
CONCLUSÃO	51

INTRODUÇÃO

Os róticos, ou *sons* de **R**, constituem um tema bastante complexo na Fonologia do Português e na de diversas outras línguas do mundo, observando-se, em muitas delas, um processo histórico de posteriorização que pode redundar no seu cancelamento. Apesar do constante interesse por essa “família de sons”, conforme a caracterização de Lindau (1985 apud BRANDÃO; DE PAULA, 2018), no âmbito do Português é bastante desigual a quantidade de estudos que os contemplam quando se levam em conta as suas diferentes variedades.

No Português do Brasil (PB), inúmeras pesquisas demonstram, além de significativa variação, que já se verifica, em grande parte de seus dialetos, o predomínio das variantes fricativas velar e glotal e, em contexto de coda silábica externa, o cancelamento, mudança praticamente categórica, sobretudo em verbos no infinitivo. Já no que se refere ao Português Europeu (PE), poucos estudos focalizam especificamente os róticos, apesar de, segundo Veloso (2015, p.238), parecer estar havendo, nos contextos pré-vocálicos, também um processo de posteriorização em proveito da vibrante uvular, ou, ainda, das variantes fricativas velares e uvulares, sendo que, nos contextos pós-vocálicos, inclusive o externo, a norma continua sendo o tepe.

No que concerne às variedades africanas, o interesse no estudo dos róticos começou a se efetivar há muito pouco tempo, por volta de 2015 (cf. BRANDÃO et al, 2017), inicialmente no âmbito do Português de São Tomé (PST) e, em seguida, no do Português de Moçambique (PM). Entre os projetos que os focalizaram nessas variedades, encontram-se *Português do Brasil e Português de São Tomé em contraste: aspectos fonético-fonológicos* e *Três variedades do Português em contraste*, desenvolvidos no Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ e junto aos quais a autora deste estudo atuou como Bolsista de Iniciação Científica a partir de 2017.

Ao longo do tempo, artigos, capítulos de livros e comunicações a congressos e a Jornadas de Iniciação Científica divulgaram resultados das pesquisas que procuraram observar os róticos em todos os seus contextos, sobretudo porque as variedades africanas apresentam peculiaridades não observadas no PB e no PE, embora este último constitua a sua norma de referência.

Com base na experiência adquirida e nos resultados alcançados, delineou-se o foco do presente estudo que tem por objetivo, numa perspectiva sociolinguística variacionista, retomar

e complementar resultados referentes ao cancelamento dos róticos em contexto de coda externa nas variedades santomense e moçambicana e que dizem respeito à observação, do ponto de vista estrutural, dos contextos e vocábulos atingidos pelo cancelamento.

Para o desenvolvimento do tema, a monografia desenvolve-se em cinco outras seções. No primeiro capítulo, comentam-se alguns estudos sobre o PB, PE, PST e PM que trataram do cancelamento do rótico em contexto de coda externa. No capítulo 2, apresentam-se, de forma breve, os fundamentos teóricos que nortearam as pesquisas sobre o PST e o PM. No terceiro capítulo, discriminam-se os aspectos metodológicos que propiciaram a análise complementar objeto desta monografia e, no quarto, os seus resultados. No quinto capítulo, conclusão, tecem-se as considerações finais.

1 ALGUNS ESTUDOS SOBRE OS RÓTICOS EM CODA EXTERNA EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Embora o presente estudo diga respeito mais propriamente ao PST e ao PM, selecionaram-se, para propiciar uma visão geral sobre a questão, trabalhos sobre o PB e o PE, em virtude de os primeiros terem servido de base para as análises e exemplificarem um caso em que é alta a taxa de cancelamento e os últimos por retratarem a norma que serve de referência às variedades africanas, permitindo estabelecer divergências e convergências entre elas. Assim, comentam-se Callou (1987), o primeiro estudo a abordar os róticos de forma sistemática com base na fala culta carioca, e, ainda, Callou; Moraes; Leite (1998). No que tange ao PB em contraste com o PE, leva-se em conta Brandão; Mota; Cunha (2003) e, sobre o PE, Mateus; Rodrigues (2003). Quanto às duas variedades africanas aqui focalizadas, expõem-se os resultados de Brandão (2018) que trata especificamente do cancelamento do R no PST e no PM e que servirá de ponto de partida para a complementação analítica objeto desta monografia.

1.1 NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Callou (1987), que se fundamentou na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, pesquisou os róticos considerando as possibilidades de sua ocorrência em todos os contextos. A autora teve por base 55 gravações realizadas pelo projeto NURC¹, com indivíduos nascidos na cidade do Rio de Janeiro. Os 55 informantes têm nível superior, sendo todos cariocas e filhos de pais cariocas. Para a análise, a autora considerou as variáveis sociais – sexo, faixa etária e zona de residência – e variáveis estruturais, como: a posição na sílaba e no vocábulo, contextos fonológicos antecedente e subsequente, classe morfológica, tonicidade, dimensão do vocábulo e, por fim, a pressão paradigmática, ligada somente ao contexto final de vocábulo.

O objetivo principal do estudo de Callou foi o de analisar a mudança que ocorreu na norma de pronúncia do R forte no falar culto carioca. A autora supracitada identificou que a correlação anterior entre *R* fraco (simples) e *R* forte (múltiplo) foi substituída por *R* anterior (vibrante) e *R* posterior (fricativo), dado o processo de posteriorização e fricativação do rótico.

¹ O Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro) compõe-se de entrevistas gravadas nos anos 70 e 90. (www.lettras.ufrj.br/nurc-rj)

Por conta dessa mudança fonética a autora postulou duas hipóteses: i) a posteriorização teria ocorrido antes de iniciar-se o processo de fricativização; ii) ambos os processos ocorreriam de forma simultânea (cf. OLIVEIRA, 2018).

Dentre todos os contextos analisados, o de coda externa recebeu especial atenção na tese de Callou, já que, como pontua a própria autora, há “uma ampliação da variação [...], pois ocorrem duas variantes que não aparecem em outras posições: a vibrante simples alveolar sonora [...], e a ausência do /R/[...]” (1987 *apud* PESSANHA, 2018, p. 9), conforme se verifica no Quadro 1.

Quadro 1 - Variantes de R em coda silábica externa na fala urbana culta do Rio de Janeiro.

R-1	Vibrante múltipla anterior (alveolar) sonora	[r]
R-2	Vibrante múltipla posterior (uvular) sonora	[ʀ]
R-3	Fricativa posterior (velar) surda (ou sonora)	[ʁ],[x]
R-4	Fricativa posterior (laríngea) surda (ou sonora)	[ɦ], [h]
R-5	Vibrante simples anterior (alveolar) sonora	[r]
R-6	Zero Fonético	∅

Fonte: Callou (1987 *apud* PESSANHA, 2018, p. 9)

Segundo Pessanha (2018), na análise de Callou (1987) sobre o cancelamento, entre outros aspectos, verificou-se que: i) as mulheres tendem mais a adotar as inovações, adotando o cancelamento de forma mais produtiva que a fricativa glotal; ii) os indivíduos jovens estão mais suscetíveis a não realizar os róticos, enquanto os mais velhos (51-70 anos) são mais conservadores, ou seja preservam a variante fricativa velar; e iii) a região suburbana do Rio de Janeiro foi a que menos implementou a regra de cancelamento do R, porém observou-se um uso frequente da fricativa glotal, considerada também como uma variante inovadora nessa comunidade de fala.

De acordo com Oliveira (2018), os resultados de Callou (1987) mostram que as variáveis linguísticas apresentaram maiores índices para a implementação da regra de cancelamento, nas seguintes condições: i) em vocábulos de duas (P.R.: .537) e três sílabas ou mais (P.R.: .604), obtiveram-se os maiores índices de cancelamento, enquanto os monossílabos são inibidores da regra (P.R.: .361); ii) o cancelamento do R foi mais frequente na classe morfológica dos verbos, sobretudo nos infinitivos (P.R.: .729); iii) em relação ao contexto subsequente, é diante de pausa que se obteve maior índice de não concretização do

segmento (P.R.: .675), porém diante de vogal (P.R.: .589) e consoante (P.R.: .568) os índices também favorecem o processo, ainda que de forma neutra; iv) em relação ao contexto antecedente, vogais com traço [-arr] inibem a regra de apagamento do R (P.R.: .409).

Segundo Callou (1987), há dois fatores que atuam para essa tendência de não concretização do R no contexto pós-vocálico final:

[...] a tendência à eliminação da vibrante final se explicaria, primeiro, por um processo semelhante ao sofrido por este som em outros contextos e, segundo, por uma tendência à sílaba aberta. A consoante implosiva é débil por sua natureza e favorece um relaxamento máximo. Haveria então duas forças a atuar: uma articulatória e uma silábica, que leva a aumentar o desequilíbrio ou assimetria que constitui uma lei fundamental da sílaba: reforço da explosão e debilitação da implosão. (CALLOU, 1987, p. 21 *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 26)

O índice geral de aplicação da regra de apagamento do R na citada tese de Callou foi de 66%, no entanto, a autora considera que, na fala urbana culta do Rio de Janeiro, ainda há uma tendência para preservação do segmento em coda silábica final, uma vez que o “input probabilístico” não ultrapassa .43, segundo Oliveira (2018, p. 26).

Outro importante estudo sobre os róticos na variedade brasileira é o de Callou; Moraes; Leite (1998) em que afirmam ser o apagamento do R em final de palavra um fenômeno antigo no Português do Brasil. Segundo o referido estudo, já nas peças de Gil Vicente (Séc. XVI) a não realização do R, em final de palavra, era utilizada para marcar a fala dos escravos, de modo a funcionar como um recurso de diferenciação social dos personagens retratados pelo autor. Ao longo dos séculos, o fenômeno foi se generalizando de modo a fazer parte da fala de indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais, o que contribuiu para deixar de ser, atualmente, uma variante estigmatizada (CALLOU; MORAES; LEITE, 1998).

Os autores, pautados na sociolinguística quantitativa, focalizam o apagamento do R em posição final de vocábulo na fala culta do Rio de Janeiro. A análise é realizada em tempo aparente e em tempo real, uma vez que o objetivo é “verificar se o processo representa uma variação estável ou se há uma mudança em curso, seja sua implementação, seja a sua recuperação” (CALLOU; MORAES; LEITE, 1998, p. 62). A amostra foi extraída do Projeto NURC e os autores contaram com três conjuntos de dados coletados em dois períodos discretos de tempo. Os informantes, todos com nível superior, estão divididos por gênero e três faixas etárias (25 a 35 anos); (36 a 55 anos); (56 em diante). O primeiro conjunto, gravado no início dos anos 70, conta com 66 informantes, sendo 33 homens e 33 mulheres; o segundo, que também incluiu participantes do *corpus* anterior, conta com 10 informantes, 5

homens e 5 mulheres e, o terceiro, uma nova amostra, com 18 informantes, sendo 9 homens e 9 mulheres, ambos gravados entre 1992-1996.

Para os autores do citado estudo, a segunda amostra, a do recontato, por ser muito reduzida, talvez não tenha significância estatística, contudo salientam a sua importância para a interpretação dos resultados iniciais. Tal redução é justificada pela dificuldade de localizar os informantes dos anos 70, sobretudo aqueles que, naquela época, já pertenciam a terceira faixa e no período do recontato estariam com mais de 75 anos. As entrevistas duraram 30 minutos, focalizando os mesmos tópicos das entrevistas anteriores.

Na amostra dos anos 70, Callou; Moraes; Leite (1998) analisaram 2723 ocorrências do segmento, já nas dos anos 90, 506 dados para o estudo do recontato e 817 para o da nova amostra. A análise dos róticos foi realizada com o apoio do Programa VARBRUL que, além de considerar as variáveis sociais supracitadas, considerou também as seguintes variáveis estruturais: i) tamanho do vocábulo; ii) vogal precedente; iii) ponto e modo de articulação do segmento subsequente; iv) pausa subsequente; v) classe morfológica; vi) item lexical; vii) acento frasal e, viii) acento lexical.

Quanto aos resultados obtidos, o estudo mostrou que a classe morfológica foi o primeiro grupo selecionado em todas as amostras, sendo a perda do R mais frequente nos verbos: “o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são marcados em português tanto pela presença do R final quanto pela tonicidade da sílaba que contém o segmento (comer *versus* come)” (CALLOU; MORAES; LEITE, 1998, p.66). Nos não-verbos, em que o R não possui informação morfológica, o peso relativo é baixo (Tabela 1). Nas palavras dos autores, esse comportamento contraria as informações correntes na literatura de que o material fonológico que carree informação morfológica tende a ser preservado nos processos de mudança.

Tabela 1 - Apagamento do R segundo a classe morfológica.

	Década de 70		Década de 90			
			Recontato		Nova Amostra	
	%	P.R	%	P.R	%	P.R
Verbo	73%	.70	7% (sic) ²	.77	82%	.82
Não-verbo	32%	.32	39%	.39	32%	.33
Total	61%	.51	62%	.63	64%	.64

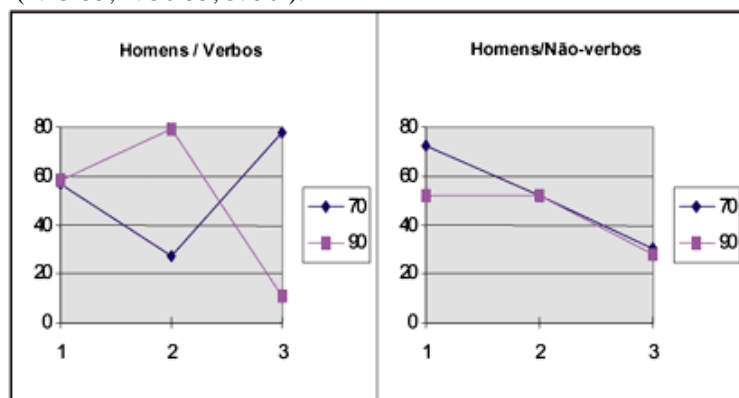
Fonte: Callou; Moraes; Leite (1998, p. 67).

² No texto da revista, o índice indicado é de 7%, provavelmente por um problema de digitação. Acredita-se que este índice corresponda a mais de 70% tendo em vista o P.R.

Quanto aos nomes, é nos vocábulos com mais de uma sílaba que se dá a aplicação da regra, enquanto o processo é praticamente bloqueado em monossílabos. Já para os verbos, a variável tamanho do vocábulo apresentou índice neutro.

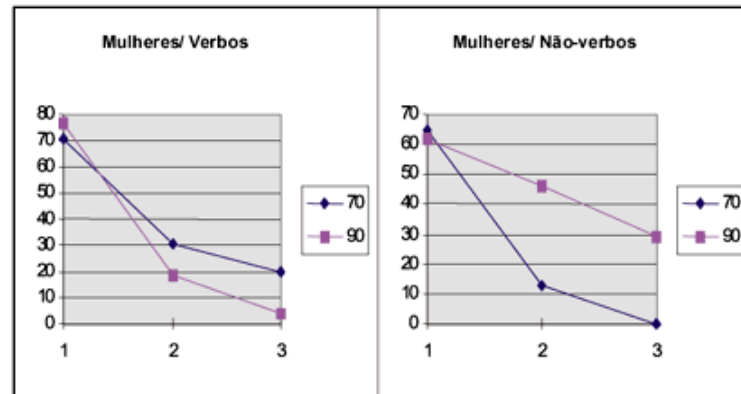
Dado a polaridade entre nomes e verbos nas amostras, os autores os analisaram separadamente. Tal procedimento evita que a seleção dos grupos de fatores significativos seja comprometida e, em consequência, reflita corretamente os ambientes condicionantes do apagamento do R. As ocorrências do pronome indefinido “qualquer” foram desconsideradas, já que o cancelamento nesse item lexical se mostrou praticamente categórico (99%). Com essas modificações, o VARBRUL selecionou, em ambos os períodos, os mesmos grupos de fatores linguísticos, tanto para homens quanto para as mulheres: acento frasal, para verbos e não-verbos e tipo de vogal precedente, para os não-verbos. (cf. CALLOU; MORAES; LEITE, 1998, p. 67). Os autores comparam, ainda, o comportamento de verbos e não verbos na fala de homens e mulheres nas duas décadas, conforme se retrata nas figuras 1 e 2 a seguir.

Figura 1 - Apagamento do R em homens nas três faixas etárias (1:25-35; 2: 36-55; 3: 56-).



Fonte: Callou, Moraes, Leite (1998, p. 68)

Figura 2 - Apagamento do R em mulheres nas três faixas etárias (1:25-35; 2: 36-55; 3: 56-)



Fonte: Callou, Moraes, Leite (1998, p. 69)

Na Figura 1, observa-se que as curvas de distribuição dos verbos indicam, para os homens, uma variação estável em ambos os períodos. O comportamento dos falantes mais jovens não se modifica dos anos 70 para os anos 90, entretanto, os informantes da faixa intermediária e os mais velhos apresentam comportamentos opostos: nos anos 70, o peso relativo é significativo nas faixas 1 e 3, já na nos anos 90, o maior peso relativo está na faixa 2 e decresce nas faixas 1 e 3. Para os autores do estudo, uma explicação provável para o aumento na faixa 2 seria o fato de o cancelamento do R não ser mais uma pronúncia estigmatizada, ao menos nos verbos, correspondendo a uma nova norma introduzida na comunidade. Em relação aos não verbos, as curvas de distribuição indicam uma mudança em curso, a segunda e a terceira faixa apresentando pesos relativos muito próximos, enquanto os falantes da faixa 1 diminuem a aplicação da regra, dos anos 70 para os anos 90.

Na Figura 2, as curvas de distribuição indicam, nas mulheres, uma mudança em progresso tanto em verbos como em não verbos. Vale destacar que a regra avançou nas mulheres mais idosas, somente nos não verbos.

Diante da análise dos dados, os autores concluem que há uma complexidade no estudo da mudança linguística. Na pesquisa em questão, por exemplo, precisaram separar os falantes do gênero masculino e do gênero feminino, bem como distinguir verbos e não verbos. Segundo os autores, “essa distinção acarreta um problema para o modelo da fonologia lexical, uma vez que se tem uma regra fonética variável para a qual é imprescindível informação morfológica” (CALLOU; MORAES; LEITE, 1998, p. 72). Finalizam salientando que o cancelamento de R em coda final “tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, sendo hoje uma variação estável, sem marca de classe social”. (p. 72)

1.2 NO PORTUGUÊS EUROPEU

O comportamento dos róticos no contexto de coda final na variedade europeia do Português se dá de modo diferenciado se comparado ao do PB. Entretanto, ainda que timidamente, o processo de cancelamento é observado naquela variedade.

Brandão; Mota; Cunha (2003) foram pioneiras no estudo fonético-fonológico de cunho variacionista com amostra do PE. As autoras realizaram uma análise contrastiva sobre o cancelamento em final de vocábulo no PE — com dados de Lisboa — e no PB — com dados do Rio de Janeiro. As autoras buscavam testar em qual das duas variedades o apagamento do R ocorre com maior frequência, embora a hipótese inicial das autoras fosse a de que o cancelamento estivesse em estágio bem mais adiantado no PB.

Os dados foram selecionados de 12 inquéritos do *corpus compartilhado* VARPORT (6 por variedade nacional), sendo realizada apenas com informantes do sexo masculino, de níveis de escolaridade elementar e superior e distribuídos em três faixas etárias. Nessa amostra, obtiveram-se, inicialmente, 994 dados, 591 referentes ao PE e 403 ao PB, conforme se pode verificar no Quadro 2.

Quadro 2 - Distribuição dos dados referentes a (R) por variedade nacional, nível de instrução e faixa etária.

	Brasil			Portugal		
	Nível Superior	Nível Elementar	Totais Parciais	Nível Superior	Nível Elementar	Totais Parciais
Faixa 1	110	69	179	129	110	239
Faixa 2	23	78	101	77	126	203
Faixa 3	48	75	123	86	63	149
Total	181	222		292	299	
	403			591		

Fonte: Brandão; Mota; Cunha (2003, p. 166)

Quanto aos resultados, as autoras verificaram que o índice de cancelamento de R no PE é inversamente proporcional ao do Português do Brasil. No PE, o cancelamento foi de apenas 26% contra 74% de manutenção do tepe. No PB, cancelou-se em 78% das ocorrências contra 22% de manutenção. Na Tabela 2 expõe-se o percentual de ocorrências das variantes de R identificadas no *corpus*.

Tabela 2 - Distribuição das variantes de (R) em coda externa no PE e no PB.

	Cancelam.	Tepe	Tepe + [i]	Vibrante Uvular	Fricativa velar	Fricativa uvular	Fricativa glotal
PE	156/591	430/591	05/591				

	26%	73%	1%	0%	0%	0%	0%
PB	314/403	33/403		02/403	08/403	01/403	45/403
	78%	8%	0%	0,50%	2%	0,24	11%

Fonte: Brandão, Mota; Cunha, 2003, p. 167

Acerca da atuação das variáveis sociais e linguísticas identificadas na primeira parte do estudo, expõem-se brevemente as variáveis que também se mostraram relevantes na segunda parte do estudo: i) a variável *nível de escolaridade* só apresentou índices relevantes na variedade brasileira; especificamente, o fator “ensino elementar” contribuiu para a aplicação da regra de cancelamento no PB (86%/ P.R.: .62), enquanto os informantes com nível superior tenderam ao bloqueio da regra (68%/ P.R.: .35). Quanto ao PE, os índices em ambos os fatores foram nulos (Superior: 26%/ P.R.: .50, Elementar: 27%/ P.R.: .50); ii) a variável *faixa etária* apresentou índices significativos tanto no PB como no PE, contudo, com fatores relevantes distintos.

As autoras comentam que “nas duas variedades nacionais, o cancelamento de R constitui uma inovação, que, no caso do PB, já se encontra bastante disseminada” (p. 168). A hipótese de que entre os informantes mais jovens (Faixa 1) se observaria o maior índice de cancelamento só foi confirmada no PE (38%/ P.R.: .65); quanto ao PB, são os indivíduos da faixa intermediária os que mais apagam o R (85%/ P.R.: .60); iii) em relação à variável *intensidade da sílaba*, observou-se que as amostras de R em final de vocábulo têm baixa produtividade em sílabas átonas (cf. no PE, somente 60 ocorrências e, no PB, 40). Por isso, as autoras levantaram a hipótese de que o cancelamento se mostrasse mais sensível em sílabas tônicas, pois esse segmento incide sempre na sílaba tônica dos verbos no infinitivo. Em ambas as variedades, embora com índice neutro, a sílaba tônica apresentou maior valor, sendo no PE (P.R.: .52) e no PB (P.R.: .59); iv) já quanto à *classe do vocábulo*, os verbos na forma infinitiva (P.R.: .63), no PB, atuaram favorecendo o apagamento do R, enquanto no PE, foram os quantificadores, o primeiro e o segundo vocábulo da expressão “quer dizer”, assim como em “vamos dizer”, em que se teve maior índice de apagamento do R.

Segundo as autoras, os resultados obtidos na primeira etapa da análise nortearam a etapa final, determinando novos procedimentos em relação tanto às variáveis consideradas, quanto à junção/eliminação de alguns fatores. Com esses novos procedimentos, a amostra reduziu-se a 506 dados para o PE e a 403 para o PB. Na Tabela 4, a seguir, expõem-se, por ordem decrescente de importância, os grupos de fatores que se mostraram relevantes para o cancelamento de R, em ambas as variedades, além dos índices de significância e os *inputs* inicial e de seleção referentes ao processo;

Tabela 3 - Variáveis condicionadoras do cancelamento de (R) no PE e no PB.

Variedade Nacional	Português Europeu	Português do Brasil
Variáveis selecionadas	Faixa etária	Tonicidade
	Classe do vocábulo	Faixa etária/ nível de instrução
	Natureza da vogal subsequente	Classe do vocábulo
		Natureza da vogal subsequente
Input da regra	Inicial	.16
	De seleção	.78
		.05
		.89
Significância		.003
		.007

Fonte: Brandão; Mota; Cunha, 2003, p. 175

Como se pode verificar no quando acima, o input da regra, no nível de seleção, no PE é baixíssimo, o que levou as autoras a afirmarem que a realização do (R) é praticamente categórica, diferentemente do que se observa no PB, em que a probabilidade do cancelamento ocorrer é muito maior (P.R.: .89). Enquanto no PE, é a variável social (*faixa etária*) que determina em primeiro lugar a queda do segmento, no PB a *Tonicidade da sílaba em que inside o segmento* mostrou-se a variável mais significativa para a aplicação da regra, sendo selecionada em todas as rodadas realizadas com o apoio do programa VARBRUL.

A seguir, expõem-se, de modo geral, os resultados da análise realizada pelas autoras na etapa final do trabalho. A variável faixa etária apresentou índices diferentes entre as variedades em questão. No PE, os indivíduos da faixa 1 são os que mais tendem ao cancelamento, tanto os com nível elementar (27%) quanto os com nível superior (27%), enquanto os da faixa 2 são os mais conservadores. Já no PB, com o amalgamento da faixa etária e do nível de escolaridade, observou-se que os informantes de nível superior tendem a preservar o segmento, seja da Faixa 1 (P.R.: .32) seja da Faixa 3 (P.R.: .08) e a neutralidade na faixa 2 (P.R.: .54); os índices referentes ao nível elementar sugerem que os mais jovens implementam a regra (P.R.:.93) de modo praticamente categórico, enquanto os demais mantêm a neutralidade (Faixa 2: P.R: .53/ Faixa 3: P.R.: .54).

O comportamento da classe do vocábulo no PE não é o mesmo observado em estudos no PB. Verbos e nomes apresentaram índices muito próximos, o que levou as autoras a amalgamá-los, tendo peso relativo de somente (.39); já em quantificadores, expressões cristalizadas (*quer/ vamos dizer*) ou quase cristalizadas (*por exemplo*) e em um pequeno número de vocábulos (*maior/ melhor/ pior/ menor*) corriqueiros no discurso, os índices de cancelamento foram significativos, acima de P.R.:.65. No PB, diferentemente do que ocorre no PE, a queda do segmento incide, sobretudo, no âmbito dos infinitivos (P.R.: .64), as formas verbais finitas apresentaram cancelamento categórico, enquanto em nomes (P.R.: .17) e em

outros vocábulos (maior/menor/melhor/pior) (P.R.: .27) a aplicação da regra de cancelamento foi bloqueada.

A variável *Natureza da vogal subsequente* também atuou para a implementação da regra em ambas as variedades, embora com diferentes grupos de fatores. No PE, a aplicação da regra se dá diante de vogal [-nas +ant] (P.R.: .69) e diante de vogal nasalizada (P.R.: .65). Já no PB, a vogal nasalizada (P.R.: .91) atua mais significativamente para a queda do segmento, os demais fatores inibem o processo.

As autoras do estudo em questão concluem que é pertinente as análises de cada variedade serem realizadas em separado em relação à queda do R, dado as significativas diferenças entre o PB e o PE. Além disso, observaram que, em PB, o processo de posteriorização do R está mais avançado, visto que a tendência é a de eliminar o R e assim simplificar a estrutura silábica padrão (C)V, diferentemente do que ocorre em PE, variedade que tende a manter a estrutura (C)VC, hipótese que, ainda segundo as autoras, parece encontrar respaldo no fato de o PE ser uma variedade que tende ao reforço consonântico, ao passo que o PB tem a tendência de reforçar o seu quadro vocálico. Contudo, vale salientar que, tanto do ponto de vista estrutural quanto do social, a análise mostra que os fatores condicionantes do cancelamento do R são, em sua maioria, coincidentes, como por exemplo, *a classe do vocábulo, a natureza da vogal subsequente e a faixa etária*.

Mateus; Rodrigues (2003) averiguam o processo de apagamento do R no discurso oral, tomando por base dois *corpora*: quatro programas de rádio e televisão retirados do Projeto REDIP³, bem como amostras de fala espontânea de falantes nativos de Lisboa e Braga (CPE-Var)⁴. Segundo Mateus e Rodrigues (2003), no PE, há pouca variação do R em coda silábica, sendo tradicionalmente concretizado como uma vibrante coronal [r]. Porém as autoras ressaltam que, em discurso oral e informal, assim como no PB, pode ocorrer o apagamento do segmento desde que o contexto subsequente seja de consoante.

Na amostra do REDIP, foram levantados 2328 dados, destes, em 13% dos casos, identificou-se a supressão do segmento, enquanto 87% foram de concretização do R. Partindo-se da hipótese de que o cancelamento de R é sensível à classe morfológica, as autoras separaram os dados de verbos e não-verbos. Os resultados obtidos diferem dos costumeiramente encontrados no PB, pois os índices de apagamento foram exatamente os

³ REDIP (Rede de Difusão Internacional do Português: rádio) *corpus* de língua oral e escrita organizado a partir de amostras diversificadas de três meios de comunicação: rádio, televisão e imprensa (iltec.pt/?action=concord)

⁴ CPE-Var (Corpus de Português Europeu- Variação) foi construído entre 1996-1997 com a seguinte estrutura: discurso formal inicial, leitura de palavra e frases isoladas, leitura de texto e discurso informal sobre temas diversos.

mesmos, 12% para nomes e verbos. Vale ressaltar que foram desconsiderados itens que não são nem nomes nem verbos, entre estes, “melhor, pior, por”. A variável *Contexto segmental subsequente* parece favorecer a aplicação da regra. Diante de consoantes obstruintes (fricativas e oclusivas), verificaram-se 64% de ocorrências de cancelamento, enquanto diante de vogal ou pausa, a regra foi inibida.

Em relação à amostra do CPE-Var, levantaram-se 3500 dados de R em coda final somente nos momentos de discurso informal. As autoras concluíram que a variação se deve muito mais a fatores de ordem linguística do que social, visto que os resultados obtidos para a cidade de Braga e Lisboa foram quase idênticos, 31,4% e 33,4% de apagamento, respectivamente. Vale frisar que, nesta segunda amostra, os percentuais de cancelamento foram bem maiores do que na primeira, talvez pelo fato de se tratar de entrevistas espontâneas, o que aproxima o informante do seu vernáculo. Já na amostra do *corpus* REDIP os informantes monitoravam mais o discurso. Na conclusão, as autoras reconhecem a convivência de variantes linguísticas com tepe e sem tepe, mesmo sem poderem afirmar que no PE há uma mudança em curso, uma vez que a existência da supressão, por si só, não é um indicativo de que a mudança possa acontecer.

1.3 NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ E NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

As pesquisas que focalizam a distribuição dos róticos nas variedades africanas do português são recentes. Dentre os trabalhos desenvolvidos e pautados na perspectiva da sociolinguística variacionista, destacam-se: sobre o PST, o de Brandão *et al* (2017), o de Bouchard (2017); sobre o PM, Brandão; De Paula (2018); e, ainda, os trabalhos de Brandão; De Paula (2019b) e Brandão (2018), que trataram do PM e PST. Este último estudo será comentado em maiores detalhes, pois constitui o ponto de partida para a análise desenvolvida na presente monografia.

Brandão *et al* (2017) analisam os róticos nos contextos pré e pós vocálico no PST, tendo por base o corpus VAPOR (Variedades do Português), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Os autores demonstram que nos contextos inicial de vocábulo e intervocálico o tepe coocorre com a vibrante alveolar, o primeiro com 62,5% de realizações e o segundo com 56,8%. Já em coda externa e interna, em que o tepe geralmente prevalece, as taxas de cancelamento foram respectivamente, 44,7% e 4,4%.

Bouchard (2017) aborda os róticos em sua tese verificando “nos diferentes contextos em que eles podem ocorrer, a difusão das variantes ‘fortes’, sobretudo as fricativas, o que ela considera um símbolo de santomensidade” (BRANDÃO; DE PAULA, 2018, p. 99). Ainda segundo as autoras citadas, Bouchard registrou “18,5% de fricativas (uvular, velar, glotal), 55,3% de tepe alveolares, 4,9% de vibrantes (alveolar, uvular) e 21% de cancelamento” (p. 99).

Quanto ao PM, Brandão; De Paula (2019b) focalizam os contextos inicial de vocábulo e intervocálico, em que ocorre o chamado “R forte”, “desta vez observando-se, em especial, o comportamento dos falantes de Português como L1 (PL1) em contraposição aos que o tem como L2 (PL2)” (p. 212). Em ambos os contextos, o tepe foi confrontado com a vibrante alveolar. No contexto inicial de vocábulo, os informantes PL1 concretizaram o tepe em 47,5% dos casos e os L2 o concretizaram em 77,6%. No intervocálico, o tepe aparece como “opção para a realização do R forte, entre falantes tanto de PL1 quanto de PL2, o que demonstra ser essa uma característica muito proeminente do Português falado em Moçambique, que o distingue do PE e do PB” (p. 226). Os falantes PL1 concretizaram o tepe em 38,5% dos casos, enquanto os PL2 em 79,4%.

Brandão; De Paula (2018) analisaram, comparativamente, as variedades santomense e moçambicana focalizando os contextos pré e pós-vocálicos. Neste estudo, controlaram-se variáveis estruturais e sociais, entre estas consideraram “a) para São Tomé, a variável *frequência de uso do forro*, com o objetivo de aquilatar se o não uso do Forro ou seu uso em maior ou menor grau influenciaria a performance dos indivíduos; b) para Moçambique, o estatuto do Português (L1 ou L2)” (p. 100), além do nível de “conhecimento/uso de outra(s) língua(s) falada(s) no país” (p.100). No contexto de *onset*, o tepe foi tomado como valor de aplicação em contraposição à vibrante alveolar, pelo fato desse segmento não ser “a variante esperada no PE e no PB padrão” (BRANDÃO; DE PAULA, 2018, p. 102).

As autoras mostraram ainda que o tepe foi a variante mais realizada tanto no PST quanto no PM em início de vocábulo, com 62,5% ocorrências no primeiro e 55,3% no segundo. No intervocálico, o tepe é o segmento com maior realização no PST (56,8%), mas não no PM, que teve um percentual de 48,8%. No que diz respeito ao contexto de coda, o cancelamento foi tomado como valor de aplicação em relação às demais variantes. Sobre os contextos de coda, tanto interna como a externa, os índices de cancelamento foram inferiores em relação à concretização em ambas as variedades, principalmente em coda interna. No PST, em ambos os contextos, os índices de cancelamento foram maiores se comparados ao PM,

contabilizando 11,2% em coda interna, enquanto o PM apenas 4,4%. Já em coda externa, verificou-se no PST 44,7% e no PM 23,5% de apagamento do R.

Quanto ao trabalho de Brandão (2018), trata-se de uma análise especificamente sobre o cancelamento de R em coda externa no PST e no PM verificando os condicionamentos internos e externos que atuam no processo de posteriorização do R. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, a autora analisa cada variedade separadamente, porém controlando as mesmas variáveis estruturais, quais sejam o modo e o ponto de articulação da consoante subsequente, a natureza da vogal antecedente, a tonicidade, o número da sílaba e a classe do vocábulo.

Em relação às variáveis sociais, no estudo supracitado, além da faixa etária, do nível de escolaridade e do sexo, controlaram-se: i) para São Tomé, a variável *frequência de uso de um crioulo*, no intuito de “aquilatar se o não uso do Forro ou o seu uso em menor ou maior grau influenciaria a performance dos indivíduos” (BRANDÃO, 2018, p. 398); ii) para Moçambique, considerou-se o estatuto do Português como L1 ou L2, além do contato e/ou uso de outra(s) língua(s) falada(s) no país. Selecionaram-se entre 20 e 25 minutos iniciais das gravações para o levantamento de dados. No que se refere aos resultados das análises, apresentam-se primeiro os relativos ao PST e em seguida os relativos ao PM.

Dos 2.375 dados levantados em São Tomé, 52,8% foram de realização do tepe, 44,7% de cancelamento e 2,5% se distribuem entre as variantes vibrantes (alveolar: 0,9%; uvular: 0,1%) e as fricativas (velar: 0,1%; glotal: 1,4%) (cf. BRANDÃO, 2018, p. 398). O cancelamento foi tomado como valor de aplicação em contraposição ao tepe, assim, dos 1.592 dados, 712 foram de apagamento do R, o que, em valores percentuais, representa 44,7% de implementação da regra. Por ordem de relevância, mostraram-se como favorecedoras do processo, com input .43, o nível de escolaridade, a classe do vocábulo, o contexto subsequente, o sexo e a faixa etária.

O cancelamento no PST ocorre entre os falantes de nível fundamental (P.R: .89), tendo os índices reduzidos gradativamente entre os indivíduos de nível médio (P.R: .29) e superior (P.R: .25), “o que é muito significativo, sendo as mulheres (P.R: .60) e os mais jovens (P.R: .61) os segmentos que mais se sobressaem” BRANDÃO (2018, p. 399)

Para uma melhor observação da distribuição do cancelamento na amostra, a autora observou a performance de cada indivíduo numa tabela que será apresentada no item 4.1

Nessa tabela, observa-se que os maiores índices de cancelamento estão concentrados entre os indivíduos de nível fundamental, sendo que os valores variam entre 71,4% e 97,4%, à exceção da informante da Faixa C, que apagou o R em apenas 34,8% dos casos. Comparando

a performance entre homens e mulheres, Brandão (2018) observou que estas são as que mais cancelam, enquanto a performance do homem mais velho de nível superior não apresentou nenhum apagamento. Em relação à atuação das variáveis linguísticas, a queda de R é mais suscetível de ocorrer diante dos fatores consoante (P.R. .56) e verbo no infinitivo (P.R. .65), “a exemplo do que se verifica no PE e se tem registrado também em variedades brasileiras” (BRANDÃO, 2018, p. 400). Frente a esses resultados sobre o cancelamento em coda externa na variedade santomense, a autora conclui que

O cancelamento, de um lado, parece obedecer a variáveis estruturais que vem se mostrando atuantes em diferentes variedades (a *classe do vocábulo* e o *contexto subsequente*), de outro parece depender, crucialmente, da atuação de variáveis de cunho social – *nível de escolaridade, sexo e faixa etária* – que são sempre altamente relevantes (sobretudo a primeira delas)[...]. (BRANDÃO 2018, p. 401).

Quanto às análises referentes ao Português de Moçambique (PM), na pesquisa de Brandão (2018), levantaram-se 2.375 ocorrências de R em coda, distribuídos em 558 (23,5%) cancelamentos e 1.817 (76,5%) concretizações. Para a análise, o cancelamento foi tomado como valor de aplicação em contraposição às concretizações de R. As demais variantes, no total de 67 ocorrências (2,8%), estão distribuídas em: 30 (1,3%) dados de vibrante alveolar, 10 (0,4%) de fricativa glotal e 27 (0,11%) de tepe seguido de [e] ou [i], como em *dar[e]*, *doutor[e]*, *ir[i]*, esta última variante aparece “apenas na fala do indivíduo mais velho, menos escolarizado e usuário de Português como L2” (p. 402).

A autora, a exemplo do que fez em relação ao PST, discrimina, dentre os 18 informantes que compõem a amostra do PM, os 11 que se declararam falantes de Português L1 e os 7 restantes usuários de PM-L2, nesse caso também apresentando em uma tabela (que será comentada no item 4.2) os índices de cancelamento relativos a cada indivíduo. Ela ressalta que não há diferenças significativas no PM em relação ao cancelamento entre os falantes de Português L1 e L2, salientando que a variável Estatuto do Português não foi selecionada na análise variacionista, o que, “contraria em parte a hipótese inicial: esperava-se que falantes do PM L2 fossem detentores dos maiores índices de queda de R” (p. 403). Os maiores índices de cancelamento ocorreram na fala de duas mulheres falantes de português L1, uma da Faixa A, Nível 1 (40,4%), e a outra, Faixa B, Nível 3 (40,5%).

A análise variacionista, com input .19, selecionou para o cancelamento em coda externa no PM restrições de natureza social e linguística, quais sejam: *o contexto subsequente, a faixa etária, a natureza vogal, o número de sílaba, a tonicidade da sílaba e o nível de escolaridade*. Tais restrições estão expostas na Tabela 5 a seguir.

Tabela 4 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa no PM.

VARIÁVEL	FATORES	N%	%	P.R
Contexto subsequente	Consoante	407/1080	33,7	.69
	Vogal	95/852	11,2	.31
	Pausa	55/1813	12,6	.37
Faixa etária	18-35 anos	254/844	30,2	.59
	36-55 anos	208/846	24,6	.52
	56-75 anos	96/589	14	.36
Natureza da vogal	[+ baixa]	314/1175	26,7	.54
	[- baixa]	244/1200	20,3	.46
Número de sílabas	Uma	87/417	20,9	.49
	Duas	351/1285	27,3	.54
	Três	103/525	19,6	.45
	Quatro ou mais	17/148	11,5	.33
Tonicidade da sílaba	Tônica	557/2341	23,8	.50
	Postônica	jan/34	2,9	.11
Nível de escolaridade	Fundamental	223/903	24,7	.50
	Médio	157/764	20,5	.44
	Superior	178/708	25,1	.55
Input: .19		Significância: .009		

Fonte: BRANDÃO; DE PAULA, 2018 a *apud* BRANDÃO, 2018, p.403

Foram selecionadas duas variáveis sociais e quatro estruturais. Quanto às variáveis sociais, os indivíduos das faixas etárias mais jovens (Faixa A- P.R.: .59 e a Faixa B- P.R.: .52) contribuem para o cancelamento no PM, sendo o processo bloqueado com indivíduos mais velhos (P.R. .36). Segundo a autora, esses índices representam “uma sutil indicação de mudança em progresso, o que é típico de fenômeno em fase inicial” (BRANDÃO, 2018, p. 404). No que tange à escolaridade, última variável selecionada, os indivíduos de nível superior (P.R. .55) apresentaram maior propensão ao cancelamento, seguido dos de nível fundamental (P.R. .50), embora com índices neutros.

Acerca das variáveis estruturais, os fatores mais relevantes para o cancelamento do R em coda externa no PM foram a consoante (P.R. .69), a vogal [+baixa] (P.R. .54), os dissílabos (P.R. .54) e em sílaba tônica (P.R. 50), esta última, segundo a autora, já era esperada “tendo em vista que, em Português, sílabas com R em contexto final portam, por *default*, o acento lexical” (BRANDÃO, 2018, p. 404). Acrescenta ainda que “das 34 ocorrências de R em sílabas átonas (dentre as quais, o substantivo *dólar*, *açúcar* e o adjetivo *super*) apenas uma (*Vítor*) apresenta o cancelamento” (p. 404).

Sintetizando os resultados analisados, para a autora, as duas variedades focalizadas encontram-se em etapas diferentes do processo de queda do R em coda externa, “estando o

PM mais próximo da norma lisboeta do que do PST, em que, segundo Bouchard (2017), na fala de jovens, já se observa a posteriorização em contextos como os representados em *p[ʁ]ofesso[ʁ]a*” (p. 405). Além disso, as variáveis *Frequência de uso de um crioulo*, no caso do PST, *Estatuto do Português* (L1 ou L2) e *grau de conhecimento/uso de outra(s) língua(s) falada(s) no país*, no caso do PM, não foram selecionadas na análise, o que contrariou a hipótese inicialmente formulada, a de que poderia haver alguma interferência das outras línguas na performance do português. Em relação aos fatores estruturais, assim como no PB, verbos no infinitivo e as consoantes também concorrem para a implementação do cancelamento de R no PST, “em que o processo está mais difundido do que no PM” (BRANDÃO, 2018, p. 405).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise de dados desta pesquisa se fundamenta nos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, postulada pelos linguistas Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006 [1968]). Alguns anos depois, com os aprofundamentos desenvolvidos por William Labov (1992, 2008 [1972], 2001), essa teoria passou a ser designada por Sociolinguística Quantitativa ou Variacionista.

Para a teoria aqui adotada, o termo *variação* refere-se à “opção de dizer a ‘mesma coisa’ de maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística” (LABOV, 2008, p. 313). Já a *mudança* é a preferência por uma variante mais inovadora que se sobrepõe a outra mais antiga que, por sua vez, cai em desuso, como assinalam Coelho *et al.* (2015). Esses autores constatarem que, assim, “os fenômenos da variação e da mudança estão intimamente relacionados” (idem, p. 73).

Vale destacar que nem toda variação acarreta mudança, mas toda mudança tem seu início com a variação, conforme postula a Teoria da Variação e Mudança. Assim, entende-se por *variação estável* a convivência entre duas ou mais formas durante um longo período de tempo, sem que haja a substituição de uma pela outra. No Português do Brasil, o fenômeno do rotacismo nas formas “pranta” e “planta” é um exemplo desse tipo de variação, pois ambas ainda são de uso corrente, convivem e marcam “uma diferença na fala de um indivíduo possivelmente oriundo de zona rural e/ou pouco escolarizado e a fala de um indivíduo de zona urbana e/ou escolarizado” (COELHO *et al.* 2015, p. 73).

Os fenômenos da variação e da mudança são inerentes a todas as línguas naturais e podem ser explicados a partir dos fatores estruturais e sociais. Ambos os fenômenos constituem temas de interesse da Sociolinguística (MOLLICA, 2015), que, para tanto, construiu um modelo teórico-metodológico voltado à observação da fala em situações reais de comunicação, ou seja, no uso “da língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com o *que* dizer do que o *como* dizer” (CEZARIO; VOTRE; 2008, p. 149).

Para Labov (2008) as pressões sociais atuam continuamente na variação e no desenvolvimento de uma possível mudança na língua. O autor sugere que a análise de dados da fala cotidiana deve se dar o mais perto e diretamente possível, caracterizando sua relação com as teorias gramaticais. Portanto, não só os fatores linguísticos devem ser levados em

conta na análise sociolinguística, mas também os sociais, tais como o nível de escolaridade, a faixa etária e o sexo, já que concorrem nos processos de variação e possível mudança na fala de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade de fala.

A Teoria da Variação e Mudança inovou em relação ao Estruturalismo (Ferdinand Saussure) e ao Gerativismo (Noam Chomsky). Segundo essas duas concepções teóricas “a língua é um sistema homogêneo desvinculada de fatores históricos e sociais” (COELHO *et al.*, 2015), enquanto para a Sociolinguística, a língua é um sistema heterogêneo, por ser dotada de variabilidade, ao mesmo tempo em que possui estrutura. Para os teóricos da Teoria da Variação e Mudança, trata-se de uma heterogeneidade ordenada, com sistematicidade e regularidade, portanto, possui regras que podem ser categóricas, semicategóricas ou variáveis, garantindo a comunicação entre seus falantes (LABOV, 2003 apud COELHO *et al.* 2015).

A frequência de uso de uma variante é determinada pelas variáveis estruturais e sociais, que “condicionam a nossa escolha entre uma ou outra variante” (COELHO *et al.* 2015, p.20). Segundo Mollica (2015) essas variáveis não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Com isso, o aparente caos em torno da variação é desfeito, e o linguista demonstra a sistematização que existe no uso das variantes de uma língua. Assim, a Sociolinguística se interessa em demonstrar como uma variante é implementada na língua ou extinta (CEZARIO; VOTRE; 2008, p. 142).

Dentre os tipos de variação linguística destacam-se os seguintes: i) **Variação geográfica**, associada a distâncias entre cidades, estados, regiões ou países. Por exemplo, a variação existente entre o falar carioca e paulista, ou entre variedades do Português africano e brasileiro; ii) **Variação social**, referente aos “traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea” (LABOV, 2008, p. 313). Nesse tipo de variação, são consideradas as diferenças entre grupos com níveis socioeconômicos distintos, a partir da atuação de variáveis como nível de escolaridade, faixa etária, idade, sexo, etc.; iii) **Variação estilística**, relacionada aos diferentes papéis sociais que se desempenha nas distintas situações comunicativas, “as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala” (LABOV, 2008, p. 313). Assim, por exemplo, o modo pelo qual o indivíduo interage com o seu chefe, em geral, não é o mesmo com que interage com o colega de trabalho. Nesse tipo de relação atuam fatores como hierarquia e intimidade, típicos desse tipo de variação.

Conforme Pagotto (2006), a mudança é um dos resultados possíveis de um processo de variação. Por isso, “ao analisar o momento atual de uma língua, é difícil dizer se um

determinado fenômeno linguístico é um caso de variação estável ou de mudança em curso” (CEZARIO; VOTRE; 2008, p. 151). Entretanto, a metodologia utilizada pelo sociolinguista permite observar se uma variante inovadora está ou não sobressaindo sobre variantes conservadoras, ou seja, “que existiam anteriormente na comunidade” (PAGOTTO, 2006, p. 66).

O estudo da mudança pode se dar em *tempo real* ou em *tempo aparente*. No primeiro, “é observado através da pesquisa de duas ou mais épocas, sendo ideal o estudo de dois momentos que se distanciam no mínimo em 12 anos e no máximo em 50 anos.” (CEZARIO; VOTRE; 2008, p. 151). A análise em tempo real pode ocorrer através dos estudos do tipo *painel* ou do tipo *tendência*. Paiva e Duarte (2015, p. 186) afirmam que “a vantagem desses dois tipos de estudo é permitir o confronto de duas sincronias do mesmo foco geográfico”. Já Coelho et al. (2010, p. 128) diferenciam essas duas técnicas de pesquisa do seguinte modo:

Coletar amostras de fala de mesmos indivíduos relativas a dois momentos diferentes, com o fim de perceber a estabilidade e/ou mudança no indivíduo. O pesquisador retorna à comunidade de fala (cerca de vinte anos depois), procurando entrevistar os mesmos informantes para proceder a uma análise comparativa dos dados. Esse é um estudo do tipo **painel**;

Coletar amostras aleatórias, mas com a estratificação social idêntica, da mesma comunidade de fala, relativas a dois momentos diferentes, com o fim de perceber a estabilidade e/ou mudança na comunidade. O pesquisador retorna à comunidade de fala (cerca de vinte anos depois) entrevistando informantes que se enquadrem nas mesmas características sociais dos anteriores. Esse é um estudo do tipo **tendência**. (COELHO *et al.*, 2010, p. 128)

Exemplo de uma análise desenvolvida segundo a metodologia citada por Coelho et al (2010), é o estudo realizado por Callou; Moraes; Leite (1998) comentado na seção 1.1.

Quando a análise se dá em tempo aparente, que é o caso da presente pesquisa, “o linguista grava amostras de informantes de diferentes faixas etárias para observar se uma dada forma ocorre mais na fala de crianças e jovens do que na de adultos e idosos” (COELHO *et al.*, p. 151). Com isso, caso haja uma ocorrência elevada da variante inovadora na fala dos mais jovens, tem-se aí um indicativo de mudança em curso.

Frente ao exposto até aqui, pode-se concluir que a Sociolinguística Variacionista, diferentemente do Estruturalismo, não trabalha com “a relação entre estrutura e sincronia de um lado e história evolutiva e diacronia do outro” (COELHO *et al.*, 2010, p. 153), mas sim “com a aproximação da sincronia e da diacronia igualmente às noções de estrutura e funcionamento da língua” (COELHO *et al.*, 2010, p. 153). Dessa forma, o uso de técnicas estatísticas refinadas permite “determinar padrões frequenciais que definem grupos sociais na

comunidade, bem como o avanço das formas variantes com vistas à mudança linguística” (PAGOTTO, 2006, p. 68).

3 METODOLOGIA

3.1 ÁREAS DE PESQUISA

São Tomé e Príncipe e Moçambique, repúblicas situadas no continente africano (Figura 3), foram colônias de Portugal até 1975, ano em que a Língua Portuguesa se tornou oficial em ambos os países.

Figura 3 - Mapas com as localizações da Cidade de Maputo e de São Tomé.



Fonte: Adaptado de *Maps of World* (2020a, 2020b)

Moçambique tem extensão territorial de 801.537 km², onde vivem cerca de 27.128.530 habitantes. Os portugueses lá chegaram em 1498, porém o seu território foi anexado ao Império Português anos depois, em 1505, já que, naquele momento, a região não era a prioridade dos colonizadores europeus. Por razões político-sociais e econômicas, Moçambique ocupava “uma posição periférica no seio do império colonial, no qual o Brasil e a Índia tinham uma posição preponderante” (GONÇALVES, 2010, p. 27), o que fez a variedade moçambicana do português se constituir tardiamente.

Nas áreas urbanas de Moçambique, como a capital do país, Maputo, concentram-se os falantes de Português, seja como língua materna (L1) seja como segunda língua (L2). Em geral, a quantidade de falantes que têm o português como L2 é bem maior que a de L1.

Segundo Brandão; De Paula (2018), o português é L1 apenas para cerca de 10% dos moçambicanos, enquanto 42,9% o têm como L2. Dentro de Moçambique, o Português convive com mais de vinte línguas Banto, sendo que na capital, esse contato ocorre com as línguas Changana, Tshwa, Rhonga, Tonga e Copi (PISSURNO, 2018), o que caracteriza o território como multilíngue.

Quanto a São Tomé e Príncipe, situado em uma região insular, no Golfo da Guiné, possui área territorial de 1001 Km² e conta com aproximadamente 178.739 habitantes (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2012), 55,8% dos quais vivem em áreas urbanas. As ilhas estavam desabitadas quando os portugueses as descobriram, por volta de 1470, e a mantiveram sob seu domínio até 1975 (cf. BRANDÃO et. al, 2017).

Nessa comunidade linguística, o Português, língua com o maior número de falantes, convive não só com quatro crioulos de base portuguesa – o Forro (ou Santomé) e o Angolar, na ilha de São Tomé; o Lung’ie (ou principense), na ilha do Príncipe e o Fa d’ambô (ou Anobonense) da ilha de Ano Bom – mas também com o português dos Tongas e o Cabo-verdeano (cf. BRANDÃO et. al 2017). Além desses crioulos, há “resquícios de línguas do grupo Banto”, segundo Hagemeyer (2009 *apud* BRANDÃO; DE PAULA, 2018, p. 97). Vale destacar que o Forro era falado por 72,4% da população, de acordo com o Censo 2001, mas gradativamente foi perdendo o prestígio, conforme se pode constatar no Censo 2012, em que apenas 36,3% dos informantes se autodeclararam como usuários dessa língua (cf. BRANDÃO et. al 2017).

Quanto à representatividade do Português nas variedades africanas aqui tratadas, São Tomé possui um número mais expressivo de falantes (98,4%) predominantemente como L1, enquanto Moçambique, como já se mencionou, apenas 10% dos habitantes o têm como L1 e 42,9% como L2, conforme Brandão; De Paula (2018). Ainda segundo as autoras, diante do alto grau de contatos multilinguísticos de falantes dessas variedades africanas do Português, poderia se pressupor que, quanto à variabilidade dos róticos, as línguas autóctones interfeririam de algum modo na performance dos falantes.

3.2 OS CORPORA

O estudo considerou 35 entrevistas selecionadas dos *corpora* moçambicano (18 informantes) e santomense (17 informantes)⁵. O primeiro pertence ao Projeto Concordância,

⁵ O corpus de São Tomé conta apenas com 17 informantes pelo fato de não se ter encontrado nenhuma mulher da terceira faixa etária com nível superior no conjunto de 110 entrevistas que constituem o Projeto VAPOR.

da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o segundo corresponde ao *corpus* VAPOR (Variedades do Português), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

As entrevistas do *corpus* Moçambique foram realizadas por Vieira & Pissurno na Cidade de Maputo e as de São Tomé pelo Professor Tjerk Hagemeyer em São Tomé, respectivamente, nos anos de 2016 e 2009. Todas seguiram os mesmos moldes, sendo do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador). Na seleção dos dados, levaram-se em conta 20 minutos de cada entrevista. Os entrevistados foram motivados a responder a uma série de perguntas sobre temas diversos, tais como, a relação familiar, os problemas da cidade, religião, cultura, percepção de aspectos linguísticos, entre outros.

Os informantes de Moçambique estão organizados do seguinte modo: i) sexo (nove homens e nove mulheres); ii) três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos, 56 ou mais); iii) nível de escolaridade (fundamental, médio e superior). A título de ilustração, no Quadro 3 é apresentada a distribuição das células sociais, indicado-se, ainda, se o informante tem o Português como L1 ou L2, variável esta que não se distribui simetricamente por todas as células.

Quadro 3 - Distribuição dos informantes de Moçambique pelas células sociais.

Escolaridade/Sexo Faixa etária	Nível 1 Fundamental		Nível 2 Médio		Nível 3 Superior	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
	A-18-35 anos	L2	L1	L1	L2	L1
B-36-55 anos	L2	L2	L1	L1	L1	L1
C-56-75 anos	L2	L1	L2	L2	L1	L1

Os informantes de São Tomé (ST) foram distribuídos por: i) sexo (nove homens-h e oito mulheres-m); ii) três faixas etárias (A-18-35 anos, B- 36-55 anos, C-56 ou mais); iii) e três níveis de escolaridade (1-fundamental, 2-médio e 3-superior). Além das referidas variáveis sociais, para São Tomé, acrescentou-se a variável *frequência de uso de um crioulo* (nula/baixa(4), média(5), alta(6)) a fim de melhor determinar se há uma possível interferência do seu uso ou não uso na performance dos entrevistados, conforme se pode verificar no Quadro 4.

Quadro 4 - Distribuição dos informantes de São Tomé por célula social.

Escolaridade/Sexo Faixa etária	Nível 1		Nível 2		Nível 3	
	Fundamental		Médio		Superior	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
A- 18-35 anos	ST-A-1- h-4	ST-A-1- m5	ST-A-2- h5	ST-A-2- m4	ST-A-3- h4	ST-A-3- m5
B- 36-55 anos	ST-B-1- h-5	ST-B-1- m4	ST-B-2- h5	ST-B-2- m5	ST-B-3- h4	ST-B-3- m5
C- 56 em diante	ST-C-1- h-6	ST-C-1- m5	ST-C-2- h4	ST-C-2- m4	ST-C-3- h4	

3.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS

(a) Variável dependente

Neste estudo, visa-se a observar especificamente os fatores estruturais que condicionam o cancelamento em contraposição à concretização do rótico em contexto de coda externa, em verbos e não verbos. Parte-se da hipótese de que no PST o processo é mais produtivo do que no PM, embora os condicionamentos estruturais que o implementam em ambas as variedades obedeçam a princípios comuns.

(b) Variáveis Independentes

Conforme largamente demonstrado no item 1, as variáveis sociais têm fundamental relevância no condicionamento do apagamento do rótico. No entanto, neste estudo, interessa observar, em especial, as variáveis estruturais, já que aspectos fônicos, morfossintáticos e semânticos podem ter peso sobre alguns fenômenos linguísticos. No Quadro 5, especificam-se as variáveis estruturais controladas para a análise do contexto pós-vocálico final.

Quadro 5 - Variáveis estruturais utilizadas no contexto pós-vocálico final.

1) Modo de articulação da consoante subsequente	Oclusivo Fricativo Africada Nasal Lateral
2) Ponto de articulação da consoante subsequente;	Labial Alveolar

	Pós-alveolar Palatal Velar
3) Impedimento à passagem do ar (contexto subsequente)	Consoante Vogal Pausa
4) Contexto antecedente (vogal)	[a] [E] [e] [i] [o] [o] [u]
5) Tonicidade da sílaba	Tônica Pstônica
6) Dimensão do vocábulo	Uma sílaba Duas sílabas Três sílabas Quatro ou mais sílabas
(7) Natureza do vocábulo	Verbo no infinitivo Verbo em forma finita Nomes (substantivos e adjetivos) Outras (pronome, pior, melhor, maior, menor, apesar)

Com a variável *Modo de articulação da consoante subsequente* busca-se analisar se há alguma influência fônica das consoantes que seguem o R. Para tanto, parte-se da hipótese de que o fator *oclusiva* favoreça a aplicação da regra. Vale lembrar que os fatores dessa variável são: oclusiva, africada, fricativa, lateral, nasal e não aplicável, neste caso, quando o R é seguido de uma pausa ou vocábulo iniciado por vogal.

Com a variável *Ponto de articulação da consoante subsequente*, busca-se verificar, ainda, a influência fônica das consoantes subsequentes ao R, dando a devida atenção ao ponto de articulação, que podem ser: labial, alveolar, pós-alveolar, palatal, velar, e não aplicável (quando se segue uma pausa ou vocábulo iniciado por vogal). Partiu-se da hipótese de que as consoantes [+coronais] favoreceriam o cancelamento, enquanto as [-coronais] inibiriam a aplicação da regra;

Quanto ao *Impedimento à passagem do ar (contexto subsequente)*: considerou-se como contexto subsequente: vogal, consoante ou pausa. Com essa variável estrutural, formulou-se a hipótese de que o cancelamento seria inibido diante de vogal no contexto subsequente;

A definição da variável *Contexto antecedente (vogal)* objetiva perceber se há qualquer influência fônica das vogais na produção do R. Parte-se da hipótese de que as vogais [-arr]

contribuam para o cancelamento, assim como identificou Callou (1987: 141-142) no PB, o que também se explicaria pelo fato de as formas de infinitivo, em que predomina o apagamento, apresentarem, como contexto antecedente ao R, as vogais temáticas [a e i];

Com *Tonicidade da sílaba em que incide o segmento*, tem-se por objetivo observar se, em sílabas tônicas, o cancelamento de R é mais produtivo do que nas sílabas átonas, sobretudo porque predominam no corpus formas de infinitivo, em que o R sempre recai sobre a sílaba tônica.

A *Dimensão do vocábulo* tem por base o estudo desenvolvido por Callou (1987) sobre o R, em que se formulou a hipótese de que em monossílabos haja a tendência de preservar o segmento.

A variável *natureza do vocábulo* nesta variável, diferenciou-se a classe dos vocábulos, agrupando-os em quatro possibilidades, conforme se indica no Quadro 5. Com essa divisão, construiu-se a hipótese de que os verbos no infinitivo, assim como ocorre na maior parte das variedades do PB (CALLOU; LEITE; MORAES, 2002), tenham maior tendência ao cancelamento de R em coda final.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

Todos os indivíduos que concorreram para a amostra do PST declararam-se falantes de Português L1. Como se expôs no item 1.3, o cancelamento do rótico em coda no PST apresenta, entre seus condicionantes, fatores relativos às variáveis sociais controladas: o *nível de escolaridade, o sexo e a faixa etária*. Nessa análise (BRANDÃO, 2018), verbos e não verbos foram considerados em conjunto, diferentemente da metodologia que vem sendo empregada em outros estudos sobre o tema. Nesse sentido, a exemplo do procedimento analítico que se seguirá na análise do PM (seção 4.2), nos itens a seguir (4.1.1 e 4.1.2), são focalizados verbos e não verbos em separado, contrapondo o cancelamento aos demais casos de concretização e não apenas ao tepe. Desta vez só se levarão em conta as variáveis estruturais. Antes, porém, na Tabela 6, apresentam-se os índices de cancelamento de R por informante apresentado em Brandão (2018).

Tabela 5 - Distribuição das ocorrências de cancelamento de R em coda externa no PST.

Escolaridade Sexo Idade	NÍVEL 1 (fundamental)		NÍVEL 2 (médio)		NÍVEL 3 (superior)	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
FAIXA A (18-35 anos)	101/136 74,3%	150/154 97,4%	42/145 29%	19/42 45%	21/71 29,6%	21/59 35,6%
FAIXA B (36 a 55 anos)	40/56 71,4%	104/119 87,4%	11/119 9,2%	43/159 27%	28/162 17,3%	28/71 39,4%
FAIXA C (56-75 anos)	54/68 79,4%	16/46 34,8%	13/75 17,3%	21/37 56,8%	0/36 0%	_____ ⁶

Fonte: Brandão (2018, p.400)

O corpus geral de R em coda externa compõe-se de 1592 dados, dos quais 712 (44,7%) correspondem ao cancelamento. Na classe dos verbos há 1343 dados e na de não verbos, 249.

4.1.1 Verbos: condicionamentos estruturais

⁶ Na amostra VAPOR, entre 101 entrevistas não há nenhuma representante feminina da Faixa C com nível superior de instrução.

Dos 1343 dados dos verbos, 657 apresentam cancelamento (49%). Esta classe é composta de 1302 dados de infinitivo e 41, de formas finitas, em que se registram, respectivamente, 637 (48.9%) e 20 (48,8%) ocorrências de cancelamentos. Como se observa, quer nas formas de infinitivo quer nas finitas o cancelamento atinge praticamente o mesmo índice.

(a) Formas finitas

Antes de se passar à observação especificamente dos fatores que condicionam o cancelamento nos verbos no infinitivo, indicam-se, na Tabela 7, as 41 formas finitas registradas no corpus e os respectivos índices percentuais relacionados ao processo.

Tabela 6 - PST: Cancelamento de R em coda externa em 41 formas verbais finitas.

Forma verbal	Apl/OCOS	Percentual	Forma verbal	Apl/OCOS	Percentual
Estiver	0/1	0%	Quer	15/26	57,6%
For	0/3	0%	Quiser	0/3	0%
Houver	0/1	0%	Requer	0/1	0%
Puder	1/1	100%	tiver	4/5	80%

Percebe-se que, neste conjunto, o cancelamento parece difundir-se lexicalmente, recaindo sobretudo nas duas formas mais recorrentes (*quer, tiver*), o que contrasta, apesar da similitude de percentuais gerais, com os casos de infinitivo, que serão a seguir analisados.

(b) Formas de infinitivo

Na Tabela 8, expõem-se os índices referentes aos fatores que condicionam o cancelamento nas formas de infinitivo. No que concerne ao contexto subsequente, são as consoantes os segmentos que mais predisõem à ocorrência do processo, com P. R. .62. Embora a variável modo de articulação não tenha sido selecionada, as consoantes [-soantes] (252/394, 64%) – oclusivas e fricativas – são as mais propícias à atuação do processo.

Quanto à dimensão do vocábulo, os dissílabos, o conjunto mais numeroso, apresentam peso relativo (.55) próximo à neutralidade, enquanto os conjuntos menos produtivos – monossílabos, polissílabos e trissílabos – inibem o processo (respectivamente, P.Rs. .37, .42 e .45).

Tabela 7 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa em verbos no infinitivo no PST

Variável	Fatores	Apl./Ocos	Percentual	P.R.
Contexto subsequente	Consoante	355/581	61.1%	.62
	Vogal	159/443	35,9%	.36
	Pausa	123/276	44.6%	.45
Número de sílabas do vocábulo	Uma	47/123	38.2%	.37
	Duas	391/716	54.6%	.55
	Três	158/361	43.8%	.45
	quatro ou mais	41/100	41%	.42
Input .48		Significância .000		

4.1.2 Não verbos: condicionamentos estruturais

Os não verbos constituem-se de nomes (substantivos e adjetivos) e de outros vocábulos que ou não se enquadram nessa classe, como *apesar*, *qualquer*, ou são recorrentes na amostra, como *maior*, *menor*, *pior*, *melhor*, que, no PB, em geral, ocorrem sem o rótico. Os dois últimos casos foram inseridos na categoria *outro*.

Obtiveram-se 251 ocorrências de não verbos, sendo 55 de cancelamento (21,9%). Na tabela a seguir, observa-se a distribuição dos dados pelos fatores *nome* e *outro*, verificando-se que é nesta última categoria que sobressai o cancelamento do rótico: 34,2% (ver Tabela 9).

Tabela 8 - Índices referentes à natureza dos não verbos no PST.

Não verbos	Apl/Oco	Percentual
Nome	29/175	16.6%
Outro	26/76	34.2%

A análise variacionista indicou duas variáveis como as mais significativas para o cancelamento: a *qualidade da vogal antecedente ao R* e o *contexto subsequente*. Quanto à primeira delas, diante dos resultados preliminares, reduziram-se a dois os fatores, reunindo-se num deles as vogais [-baixas] (/e/ /i/ /o/) e, em outro, as [+ baixas] (/a/ /E/ /o/). Seguem, na Tabela 9, os índices obtidos na rodada final.

Tabela 9 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa em não verbos no PST

Variável	Fatores	Apl./Ocos	Percentual	P.R.
Vogal antecedente	[- baixa]	13/117	11.1%	.31
	[+ baixa]	42/134	31.3%	.66

Contexto subsequente	consoante	43/136	31.6%	.67
	vogal	3/41	7.3%	.23
	pausa	9/74	12.2%	.38
Input .17		Significância .000		

Os resultados não só reiteram a importância do contexto subsequente para o cancelamento, mas também demonstram, de forma indireta, que determinados itens lexicais são mais sujeitos ao cancelamento, entre os quais aqueles que são indicados no primeiro parágrafo desta seção.

4.2 PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Antes da análise dos fatores estruturais que determinam o cancelamento de R em verbos e não verbos em separado no PM-L1 e no PM-L2, que constitui um dos objetivos principais desta monografia, cabem algumas observações sobre o comportamento das variáveis sociais quando analisadas em conjunto com as estruturais.

Como se comentou no item 1.3, Brandão (2018) analisou o rótico em coda silábica externa considerando em conjunto os falantes que têm o Português como L1 (PM-L1) e L2 (PM-L2), tendo, inclusive, observado que a variável *Estatuto do Português* não foi selecionada na análise, o que contrariava a hipótese inicial de que indivíduos que se enquadrassem no segundo grupo tenderiam a aplicar mais a regra. Nesse estudo, a autora apresenta o conjunto de informantes da pesquisa, num total de 18 (cf. Tabela 10), discriminando os falantes de PM-L1 (11 indivíduos) dos de PM-L2 (7 indivíduos, em sombreado) e indicando o índice de cancelamento de R na fala de cada um deles.

Tabela 10 - Distribuição das 558 ocorrências de cancelamento de R em coda externa pelos 18 informantes da amostra do PM.

Escolaridade Sexo Idade	NÍVEL 1 (fundamental)		NÍVEL 2 (médio)		NÍVEL 3 (superior)	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
	L2	L1	L1	L2	L1	L1
FAIXA A (18-35 anos)	65/201 32,3%	72/178 40,4%	21/79 26,6%	31/138 22,5%	24/95 25,3%	41/153 26,8%
	L2	L2	L1	L1	L1	L1
FAIXA B (36 a 55 anos)	24/129 18,6%	21/118	26/156	57/205	16/80 20%	64/158 40,5%

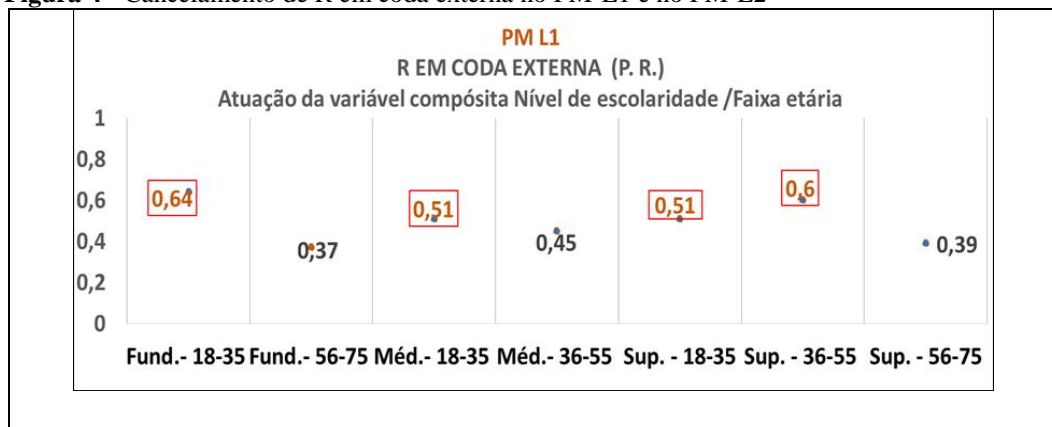
		17,8%	16,7%	27,8%		
	L2	L1	L2	L2	L1	L1
FAIXA C (56-75 anos)	18/166	23/111	14/89	8/97	19/109	14/113
	10,8%	20,7%	15,7%	8,2%	17,4%	12,4%

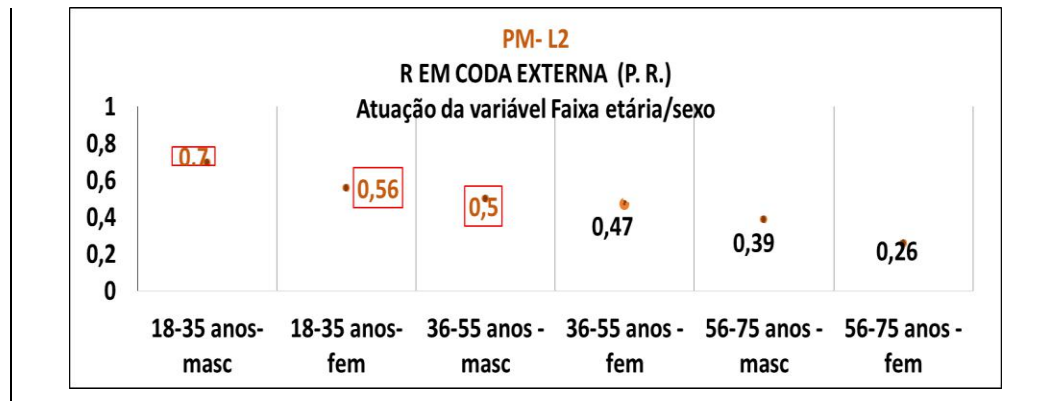
Fonte: Brandão; De Paula (2018)

A distribuição é assimétrica. Note-se, por exemplo, que todos os indivíduos de nível superior têm o Português como L1 e todos os homens de nível fundamental falam PM-L2. Nas demais células, a distribuição é irregular. Mesmo assim, Brandão; De Paula (2019), em trabalho posterior, utilizaram-se dessa distribuição para focalizarem o cancelamento amalgamando, no caso de L1, nível de escolaridade e faixa etária e, no de L2, faixa etária e gênero, variáveis compósitas que, em ambas as análises, se mostraram salientes, sendo selecionadas em segundo lugar.

A Figura 4 retrata, em pesos relativos, os índices de cancelamento obtidos nas análises, em que se observa, de um lado, no PM-L1, que os indivíduos mais jovens, independentemente do nível de escolaridade, são, grosso modo, os que mais aplicam o cancelamento. No PM-L2, constata-se a mesma tendência, quanto à faixa etária mais jovem (18-35 anos), tanto entre os homens quanto as mulheres. A faixa média (36-55 anos) mantém-se em índices neutros (.50 e .47), enquanto os mais velhos têm menor propensão à aplicação do processo (.39 e .26). O quadro do PM-L1 e o de PM-L2, tendo em conta o baixo input da regra em ambos os casos (respectivamente, .21 e .16), permitem formular a hipótese de que, ainda que de forma muito incipiente, esteja havendo um processo de mudança em direção ao cancelamento.

Figura 4 - Cancelamento de R em coda externa no PM-L1 e no PM-L2





Fonte: Brandão; De Paula (2019a).

Nos dois itens a seguir, focalizam-se, no PM-L1 e no PM-L2, verbos e não verbos em separado, com base nos mesmos dados, desta vez considerando apenas as variáveis estruturais e focalizando, quando seja o caso, os vocábulos mais propícios ao cancelamento, em busca também de possíveis motivações de ordem lexical. Apresentam-se os fatores que se mostraram condicionadores do cancelamento e, eventualmente, comentam-se variáveis não selecionadas nas análises que possam melhor esclarecer os resultados obtidos.

4.2.2 No PM-L1

No que se refere ao R em coda externa no PM-L1, considerando verbos e não-verbos, os índices gerais estão indicados na Tabela 11, a seguir, devendo-se lembrar que das 1060 ocorrências de concretização, 1043 (72,6%) correspondem ao tepe.

Tabela 11 - Índices relativos ao R em coda silábica externa no PM-L1 (verbos e não verbos).

	Aplicação/Ocos	Percentual
Cancelamento	377/1437	26,2%
Concretização	1060/1437	73,8%

(a) No âmbito dos verbos

No PM-L1, na classe dos verbos, registraram-se 333 ocorrências de cancelamento (27,1%) num total de 1231 dados (ver Tabela 12).

Tabela 12 - Índices relativos ao R em coda silábica externa no PM-L1 (verbos).

	Aplicação/Ocos	Percentual
Cancelamento	333/1231	27,1%
Concretização	898/1231	72,9%

Mostraram-se favorecedores do cancelamento, do ponto de vista estritamente estrutural, conforme se explicita na Tabela 13, o contexto subsequente e o número de sílabas do vocábulo, numa rodada com input .23 e significância .009.

Tabela 13 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa em verbos no PM-L1.

Variável	Fatores	Apl./Ocos	Percentual	P.R.
Contexto subsequente	Consoante	246/521	47.2%	.74
	Vogal	65/499	13%	.33
	Pausa	21/210	10%	.27
Número de sílabas do vocábulo	Uma	62/254	24.4%	.45
	Duas	209/659	31.7%	.55
	Três	52/250	20.8%	.44
	quatro ou mais	10/68	14.7%	.36
Input .23		Significância .009		

Chama a atenção, em relação ao input da regra (.23), o peso relativo da consoante (.74) para a implementação do cancelamento, cujo range⁷ em relação à vogal é de .41 e da pausa, .47.

Duas outras variáveis levavam em conta o contexto subsequente, no que se refere à consoante: o modo e o ponto de articulação. Quanto ao modo de articulação, as [-soantes] – oclusivas e fricativas – apresentaram índices ligeiramente mais propícios ao cancelamento do que as [+soantes] – laterais e nasais –, conforme se verifica a seguir na Tabela 14.

Tabela 14 - Índices referentes ao modo de articulação da consoante subsequente no cancelamento de R em coda externa no PM-L1.

Variável	Fatores	Apl./Ocos	Percentual
Modo de articulação da consoante subsequente	[-soante]	187/374	50%
	[+soante]	58/159	38.7%

Quanto ao ponto de articulação, as [+ coronais] – alveolares, pós-alveolares e palatais – são mais suscetíveis ao cancelamento do que as [- coronais]: labiais e velares, conforme a Tabela 15.

Tabela 15 - Índices referentes ao ponto de articulação da consoante subsequente no cancelamento de R em coda externa no PM-L1.

Variável	Fatores	Apl./Ocos	Percentual
Ponto de articulação da	[+ coronais]	119/236	50,4%

⁷ O range é o termo usado para indicar a diferença entre índices relacionados ao peso relativo.

consoante subsequente	[- coronais]	127/289	43.3%
------------------------------	--------------	---------	-------

A segunda variável selecionada, número de sílabas, indica que as formas verbais dissilábicas, com P. R. próximo da neutralidade (.55), são os vocábulos em que predomina o cancelamento, devendo-se notar que o número de ocorrências de dissílabos (690) é superior à soma das ocorrências de monossílabos, trissílabos e polissílabos (572). Entre os monossílabos, encontram-se formas de infinitivo (*ser, ver, vir*), mas também outras formas verbais (32), entre as quais, *quer, for*.

Embora não selecionada, a variável forma do verbo demonstra que o cancelamento é mais produtivo em formas finitas (10/32 ocorrências, 31.2%) do que no infinitivo (323/1199 ocorrências, 26,9%).

(b) No âmbito dos não verbos

No PM-L1, nas classes aqui reunidas sob a designação de não verbos, registraram-se 44 ocorrências de cancelamento (21,4%) num total de 206 dados. Predomina no corpus o tepe (156/206 ocorrências, 75.7%), havendo, ainda, 6 ocorrências de outras variantes (quatro de fricativa glotal, 1,9%; uma de vibrante alveolar, 0,5% ; e uma de tepe seguida de [e], 0,5%).

Mostraram-se favorecedores do cancelamento, do ponto de vista estritamente estrutural, conforme se indica na Tabela 16, o contexto subsequente e o ponto de articulação da consoante subsequente, numa rodada com input .17 e significância .001.

Tabela 16 - Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa em não verbos no PM-L1.

Variável	Fatores	Apl./Ocos	Percentual	P.R.
Contexto subsequente	Consoante	39/100	38%	.73
	Vogal	3/38	7.9%	.42
	Pausa	2/67	3%	.20
Ponto de articulação da consoante subsequente	[+ coronais]]	7/39	17.9%	.27
	[- coronais]	32/63	50.8%	.64
Input .17			Significância .001	

Confirma-se, na classe dos não verbos, a importância do contexto de consoante subsequente (P. R. .73), neste caso reforçado pela seleção do ponto de articulação, em que as [-coronais] se destacam (P. R. .64).

Para melhor aferir os dados, definiu-se a variável tipo de não verbo, constituída dos fatores *nome* (substantivos e adjetivos) e *outros* (pronome, conector), que mostrou que a

incidência do cancelamento recai neste último grupo: no conjunto de 27 ocorrências, 11 (40.7%) apresentam cancelamento em *apesar de e qualquer*. No âmbito dos nomes, ressaltam os adjetivos *pior, maior e melhor*, com 11 casos de cancelamento.

Os dados aqui explanados demonstram, de um lado, que o cancelamento de R em coda externa, no PM-L1, é pouco produtivo tanto no âmbito dos verbos (input: .23) quanto no de não verbos (input .17), e, de outro, que se pode estabelecer a hipótese de que, o contexto motivador do processo seja aquele em que o rótico se encontra diante de uma consoante, o que se ratifica no próximo item, dedicado ao PM-L2.

4.2.2 No PM-L2

No PM-L2, computando-se verbos e não-verbos, obtém-se, como se expõe na Tabela 17, um total de 938 dados, dos quais 19,3% (181 ocorrências) correspondem ao cancelamento. Das 757 concretizações, 707 referem-se ao tepe.

Tabela 17 - Índices relativos ao R em coda silábica externa no PM-L2 (verbos e não verbos).

	Aplicação/Ocos	Percentual
Cancelamento	181/938	19,3%
Concretização	757/938	80.7%

(a) No âmbito dos verbos

Quando se consideram apenas os verbos, o corpus reduz-se a 799 dados, 782 formas de infinitivo e 17, de formas finitas.

Tabela 18 - Índices relativos ao R em coda silábica externa no PM-L2 (verbos).

	Aplicação/Ocos	Percentual
Cancelamento	150/799	18,8%
Concretização	649/799	81.2%

Na análise dos verbos, mostrou-se favorecedor do cancelamento, com input .17 e significância .000, o contexto subsequente:

Tabela 19 - Variável atuante para o cancelamento de R em coda externa em verbos no PM-L2.

Variável	Fatores	Apl./Ocos	Percentual	P.R.
Contexto subsequente	Consoante	98/375	26,1%	.62
	Vogal	26/292	8,9%	.32

	Pausa	26/132	19.7%	.54.
Input .17	Significância .000			

Embora não selecionada, a variável tipo de forma verbal, constituída pelos fatores infinitivo e forma finita, mostra que estas últimas apresentam um índice de cancelamento maior que as de infinitivo, embora se restrinja apenas a 17 dados, como já se observou. Este grupo é composto por 12 ocorrências de *quer*, uma de *vier*, 3 de *for*, e uma de *tiver*. Somente duas ocorrências de *quer* e a de *tiver* apresentaram cancelamento, o que permitiria formular a hipótese de que poderia estar havendo o condicionamento mais propriamente de base lexical.

(a) No âmbito dos não verbos

O grupo de não verbos é constituído de apenas 139 dados, 128 nomes (substantivos e adjetivos) e 11 vocábulos classificados como “outros”: *qualquer* (6 ocos), *apesar* (3 ocos) *sequer* (2 ocos). Neste último conjunto, há 8 casos de cancelamento (72.7%). As três ocorrências não atingidas pelo processo foram os dois casos de *sequer* e um de *apesar*.

No grupo dos nomes (128 dados), o cancelamento é da ordem de 28.9% (37 ocos). A melhor rodada de análise (input .19) teve significância alta (.025) em decorrência do parco número de dados e do fato de o cancelamento ainda ser incipiente e incidir em um número restrito de vocábulos, como *mulher*, *pior*, *melhor*, entre outros. A única variável que se mostrou relevante, mais uma vez, foi o contexto subsequente, como se explana na Tabela 20. Note-se que há só um caso de cancelamento diante de vogal

Tabela 20 - Variável atuante para o cancelamento de R em coda externa em nomes no PM-L2.

Variável	Fatores	Apl./Ocos	Percentual	P.R.
Contexto subsequente	Consoante	21/74	28,4%	.62
	Vogal	1/23	4,3%	.16
	Pausa	6/31	19,4%	.50
Input .19	Significância .025			

4.2 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Sintetizando os resultados expostos na análise dos dados, observa-se que, em relação ao processo de posteriorização do R no contexto pós-vocálico final, há pontos convergentes e divergentes entre as variedades analisadas, bem como entre estas e o Português do Brasil. Reitera-se que este estudo é um complemento da análise de Brandão (2018) e tem como

escopo observar os condicionantes estruturais que atuam no processo de cancelamento em verbos e não verbos no PST e no PM-L1 e PM-L2.

Em relação às convergências, assim como observado em Callou (1987) e em Callou; Moraes; Leite (1998), o cancelamento se mostrou mais produtivo na classe dos verbos, tanto no PST, onde ocorreu em 49% dos casos, quanto no PM, variedade com menores percentuais de apagamento do R na referida classe, apresentando índices de 27,1% no PM-L1 e 18,8% no PM-L2. Sobre os não verbos, observou-se que os índices de cancelamento foram muito próximos, 21.9% no PST e 21.4% no PM-L1.

Outro ponto comum observado entre as variedades africanas e a brasileira é a relevância da variável *contexto subsequente*. Por exemplo, na tese de Callou (1987), o cancelamento do rótico foi mais produtivo diante de pausa (.675), contudo diante de vogal (.589) e de consoante (.568) o processo não é inibido, tendo valores próximos da neutralidade. Já nas variedades santomense e moçambicana (L1 e L2), tanto em verbos como em não verbos, apaga-se mais o R diante de consoante, conforme se observa nas Tabelas 7, 9, 13, 16, 19 e 20. Somente nas duas últimas tabelas, referentes ao PM-L2, o processo não foi inibido diante de pausa, cujos índices neutros foram, respectivamente, P.R. .54 e P.R. .50.

Observa-se, também, a atuação da variável *número de sílabas* nos verbos no PST (.55), e no PM-L1 (.55), sendo os dissílabos os que mais favorecem o cancelamento e os demais fatores inibem a aplicação da regra. Essa variável não foi selecionada nem em verbos nem em não verbos no PM-L2. Na tese de Callou (1987), os dissílabos, também com índices neutros, favorecem o cancelamento no PB, sendo mais um ponto de convergência entre as variedades africanas e a brasileira. Com os índices observados na presente análise, em relação ao número de sílabas, confirma-se a hipótese levantada por Callou (1987), de que o segmento tende a ser preservado em vocábulos monossilábicos.

Quanto às divergências, o cancelamento de R em coda final parece estar em um processo mais adiantado no PB do que nas variedades africanas aqui focalizadas. Segundo Callou (2015), o fenômeno “transpôs qualquer estratificação social e se estendeu a todos os falantes do português do Brasil, com percentuais distintos por regiões” (p. 51).

Quanto aos índices gerais obtidos nas variedades africanas, o PST apresentou índices gerais de cancelamento maiores (44.7%) que o PM-L1 (26.2%) e o PM-L2 (19.3%), confirmando a hipótese inicial de que na primeira variedade o processo de cancelamento do R está em estágio mais avançado, se comparado ao PM. Segundo Brandão (2018), o PM tem comportamento linguístico mais próximo do PE, ou seja, naquela variedade preserva-se mais o tepe do que se utiliza a variante inovadora. Ressalta-se que o tepe é predominante em coda

externa nas duas variedades africanas, ainda que em percentuais distintos, conforme já se verificou ao longo da análise de dados e em estudos anteriores, entre os quais, destacam-se os de Brandão (2018) e Brandão; De Paula (2018).

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa complementa o estudo de Brandão (2018), focalizando exclusivamente a atuação das variáveis estruturais que estariam favorecendo o cancelamento do R em verbos e não verbos no contexto pós-vocálico final no Português de São Tomé e no Português de Moçambique.

No primeiro capítulo, traçou-se o funcionamento dos róticos no PB, tomando por base os estudos de Callou (1987) e Callou; Morais; Leite (1998). No que se refere ao PB em contraste com PE, revisitou-se o estudo pioneiro de Brandão; Mota; Cunha (2003) e, sobre o PE, Mateus; Rodrigues (2003). Em relação às duas variedades africanas focalizadas na pesquisa, apresentaram-se os resultados do estudo de Brandão (2018), que serviu de base para a complementação analítica da presente monografia.

Para fundamentar a pesquisa, o capítulo dois tratou da perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista apresentando, brevemente, os conceitos de variação e mudança linguísticas, desenvolvidos por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (1968). Outros conceitos importantes também foram expostos, por exemplo, a noção de mudança em tempo real e em tempo aparente, estudo do tipo painel e do tipo tendência, além das noções de variação geográfica, social e estilística.

No capítulo três, descreveram-se as duas áreas da pesquisa. Apresentaram-se também características dos dois corpora e as variáveis controladas, sendo a variável independente o cancelamento em contraposição à concretização do rótico em coda externa, em verbos e não verbos. Em relação às variáveis independentes, nesta pesquisa, somente as variáveis de natureza linguística foram controladas já que o objetivo do estudo foi observar a atuação dessas variáveis no processo de apagamento do rótico em verbos e não verbos.

Por fim, no capítulo quatro, a análise dos dados revelou que, tanto no PST quanto no PM, a classe dos verbos se mostrou mais propensa ao cancelamento, assim como observado na tese de Callou (1987). O contexto subsequente foi selecionado nas análises não só do PST, mas também nas análises do PM-L1 e PM-L2 em verbos e em não verbos favorecendo assim o processo, sobretudo quando o rótico está diante de consoante, o que permitiu a formulação da hipótese de que este é o principal contexto motivador do cancelamento.

Conclui-se que as variáveis estruturais *classe do vocábulo* e *contexto subsequente* atuam no apagamento do R no PST e no PM em verbos e não verbos, porém, sozinhas, não explicam por que o processo está mais avançado na primeira variedade do que na segunda.

Então, para uma adequada compreensão do fenômeno estudado, deve-se considerar também a importância das variáveis sociais, tais como nível de escolaridade e faixa etária, que no estudo de Brandão (2018) se mostraram bastante salientes para a implementação do processo no contexto aqui analisado.

REFERÊNCIAS

BOUCHARD, Marie-Eve. *Langue ideologies and use of rhotics in the Portuguese of São Tomé*. Doctoral dissertation. New York University, 2017.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; DE PAULA, Alessandra. Róticos nas variedades urbanas santomense e moçambicana do Português. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org). *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, p. 95-118, 2018.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; DE PAULA, Alessandra. A variável (R) no Português de Moçambique. Comunicação apresentada ao XXIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, Copenhague, Universidade de Copenhague, 1-6 de julho de 2019a.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; DE PAULA, Alessandra. Ainda sobre os róticos no Português de Moçambique. In: VIEIRA, Márcia Machado dos S.; WEIDEMER, Marcos Luiz (Org). *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019b. p. 211-235.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Apagamento de R em coda externa em duas variedades africanas do português. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20 – Especial:390-408, 2018. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23283/15242>. Acesso em: junho 2020

BRANDÃO, S. F.; PESSANHA, D. B. S.; PONTES, S. P.; CORRÊA, M. O. Os róticos no Português de São Tomé. *Revista Papia*, 27 (2): 191-214, 2017.

CALLOU, Dinah Maria Isensee. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, Dinah: *Variação e mudança no âmbito do consonantismo*. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (eds.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 39-64

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. *Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. *DELTA*, São Paulo, v. 14(3) Número Especial: 61-72, 1998 . Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/43392/28863>. Acesso em: 02 Julho 2020.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil*. In: Ingedore G. Villaça KOCH. Ed. *Gramática do Português Falado*. 2. ed.: Editora da Unicamp. Campinas, 2002. p. 463- 489

CEZARIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-157.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M.; MAY, G. H. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

GONÇALVES, Perpétua. *A gênese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA- INE: *Recenseamento Geral da População e Habitação (2012). Indicadores Sócio-Demográficos. São Tomé e Príncipe, São Tomé*. Disponível em <<https://www.ine.st/index.php/o-pais/indicadores>> acesso em: 20 abr. 2020.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 2001. v. 2

MAPS OF WORLD. Moçambique: mapa político, 2020a. Disponível em: <<https://pt.mapsofworld.com/mozambique/>> Acesso em: 01 de abr. 2020.

MAPS OF WORLD. São Tomé e Príncipe: mapa político, 2020b. Disponível em: <<https://pt.mapsofworld.com/sao-tome-principe/>> Acesso em: 01 de abr. 2020.

MATEUS, M. H. M.; RODRIGUES, C. A vibrante em coda em Português Europeu. In: HORA, D. e COLLISCHONN (org.). *Teoria Linguística Fonologia e outros Temas*, Ed. Universitária, João Pessoa, 2003, p.181-199.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Ingrid da Costa. *Os róticos em coda silábica externa: o interior da região sul no projeto ALIB*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2018.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 179 - 200

PESSANHA, Davi Bretas dos Santos. *Uma análise do Português de Moçambique: as variedades no uso do R forte*. 2018. 51f. Monografia (Graduação em Português-Inglês)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

PISSURNO, Karen Cristina da Silva. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org). *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Original publicado em 1968 (Directions for Historical Linguistics - A Symposium).